



CONCURSO UFAM - FORMULÁRIO - RESPOSTA RECURSOS

EDITAIS: N° 22 E 23 DE 02 DE MAIO DE 2016/GR-UFAM

NÍVEL: SUPERIOR

**CARGO: NOME: ASSISTENTE SOCIAL
CÓDIGO: NS05/NS23**

TÓPICO: CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

QUESTÃO: N°45

INTERESSADO(S): ANDREA LIMA DE SOUZA; ELLEN DE MORAES E SILVA; MARIA AUXILIADORA QUEIROZ DE MELLO

QUESTIONAMENTO:

Defendo a anulação da questão. A prova pede o conhecimento sobre a prática do assistente social, a partir das reflexões teóricas de Yolanda Guerra, especialmente sobre a prática profissional que não consegue ultrapassar o nível da imediatividade, e com isso, o fazer profissional estaria reduzido a uma certa dimensão. Contudo, é justamente neste ponto que se coloca a minha contestação sobre as opções disponíveis. Caso não tivesse a opção de resposta, letra "E", isto é: "Dimensão do cotidiano", a resposta do gabarito estaria certa. Contudo, defendo que para a resposta adequada da questão, tanto a resposta do gabarito (Dimensão técnico-instrumental), quanto a opção "E" (Dimensão do cotidiano), estão corretas.

Para respaldar meu argumento, apresento a seguinte citação de Yolanda Guerra, em seu artigo intitulado "A instrumentalidade no trabalho do assistente social", cujo texto original foi publicado pela primeira vez no ano 2000 e que expressa a essência de sua obra em textos recentes: [...] É no cotidiano -tanto dos usuários dos serviços quanto dos profissionais - no qual o assistente social exerce sua instrumentalidade, o local em que imperam as demandas imediatas, e conseqüentemente, as respostas aos aspectos imediatos, que se referem à singularidade do eu, à repetição, à padronização. O cotidiano é o lugar onde a reprodução social se realiza através da reprodução dos indivíduos (Netto, 1987), por isso um espaço ineliminável e insuprimível. As singularidades, os imediatismos que caracterizam o cotidiano, que implicam na ausência de mediação, só podem ser enfrentados pela apreensão das mediações objetivas e subjetivas (tais como valores éticos, morais e civilizatórios, princípios e referências teóricas, práticas e políticas) que se colocam na realidade da intervenção profissional (p. 9).

Diante das afirmações da autora e na contribuição do autor por ela citado, entendo que a dimensão do cotidiano está implícita no interior da discussão acerca do imediatismo, ou seja, das demandas imediatas presentes no cotidiano; são justamente os imediatismos que caracterizam, como afirma a autora, o cotidiano. Se a expressão do cotidiano são os imediatismos, como separar em opções distintas, na prova, de um lado, a dimensão técnico-instrumental, e de outro, a dimensão do cotidiano? Elas não se excluem.

Aliás, como enfatiza a autora, o cotidiano não pode ser eliminado ou suprimido do universo da instrumentalidade no Serviço Social. Portanto, defendo que reduzir o fazer profissional do assistente social ao nível do imediatismo, é reduzi-lo, simultaneamente, à dimensão técnico-instrumental e à



dimensão do cotidiano, estando ambas as opções, letra "C" e letra "E" corretas, por isso, meu pedido de anulação.

PARECER:

No artigo mencionado, a referida autora expõe, na página 10, a resposta demandada pela questão 45, trecho destacado a seguir:

“Se muitas das requisições da profissão são de ordem instrumental (em nível de responder às demandas — contraditórias— do capital e do trabalho e em nível de operar modificações imediatas no contexto empírico), exigindo respostas instrumentais, o exercício profissional não se restringe à elas. Com isso queremos afirmar que reconhecer e atender às requisições técnico-instrumentais da profissão não significa ser funcional à manutenção da ordem ou ao projeto burguês. Isto pode vir a ocorrer quando se reduz a intervenção profissional à sua dimensão instrumental. Esta é necessária para garantir a eficácia e eficiência operatória da profissão. Porém, reduzir o fazer profissional à sua dimensão técnico-instrumental significa tornar o Serviço Social meio para o alcance de qualquer finalidade. Significa também limitar as demandas profissionais às exigências do mercado de trabalho. É também equivocado pensar que para realizá-las o profissional possa prescindir de referências teóricas e ético-políticas. Se as demandas com as quais trabalhamos são totalidades saturadas de determinações (econômicas, políticas, culturais, ideológicas) então elas exigem mais do que ações imediatas, instrumentais, manipulatórias. Elas implicam intervenções que emanem de escolhas, que passem pelos condutos da razão crítica e da vontade dos sujeitos, que se inscrevam no campo dos valores universais (éticos, morais e políticos). Mais ainda, ações que estejam conectadas a projetos profissionais aos quais subjazem referenciais teórico-metodológicos e princípios ético-políticos” (p.10-11). [grifos meus]

A autora pontua no trecho que o exercício profissional não se restringe as respostas de ordem instrumental. As ações podem ser tanto de ordem instrumental quanto dialética. No trecho sublinhamos os riscos de reduzir o fazer profissional a dimensão instrumental, ou seja, uma prática pragmática, limitada a imediatividade do cotidiano.

No entendimento da autora, as demandas profissionais exigem mais que resposta técnico-instrumental, e sublinhamos no trecho tais exigências ao profissional. Desse modo, esse fazer profissional restrito a dimensão técnico-instrumental, por não articular outros elementos necessários para o fazer profissional pode ser compreendido como aquele que não ultrapassa o nível da imediatividade do cotidiano, evidenciando a ausência de criticidade e de articulação com referenciais teórico-metodológico, ético-político, dentre outros.

No intuito de esclarecer mais ainda, como o fazer profissional sem ultrapassar o nível da imediatividade do cotidiano significa reduzir o fazer profissional à dimensão técnico-instrumental, selecionamos mais um trecho do artigo:

“Foi dito linhas atrás que há dimensões da instrumentalidade do exercício profissional e falamos de duas delas. Mas a terceira condição da instrumentalidade é a de ser uma mediação. Se é verdade que a Instrumentalidade insere-se no espaço do singular, do cotidiano, do imediato, também o é que ela, ao ser considerada como uma particularidade da profissão, dada por condições objetivas e subjetivas, e como tal sócio-históricas, pode ser concebida como campo de mediação e instância de passagem. Diferente disso, seria tomar a instrumentalidade apenas como singularidade, e como tal, um fim em si mesma, de modo que estaríamos desconhecendo suas possibilidades. No cotidiano, como o espaço da instrumentalidade, imperam demandas de natureza instrumental. Nele, a relação meios e fins rompe-se e o que importa é que os indivíduos acionem os elementos necessários para alcançarem seus fins. Mas



pelas próprias características do cotidiano, os homens não se perguntam pelos fins: a quem servem? que forças reforça? qual o projeto de sociedade que está na sua base? Tampouco pelos valores que estão implicados nas ações desencadeadas para responder imediata e instrumentalmente ao cotidiano” (p.11-12).

Nesse trecho, a autora traz elementos novos para a discussão, pois insere a instrumentalidade como mediação e como instancia de passagem. Isso significa reconhecer na mediação a possibilidade de ascender da imediatividade do cotidiano, ultrapassar uma prática pragmática, para uma prática mais fundamentada teórico-metodológica e ético-política. Em outras palavras, a presença de mediações na instrumentalidade proporcionaria ultrapassar o nível da imediatividade do cotidiano. Tais mediações ampliam a base de reflexão do profissional, enriquecem o fazer profissional, abrindo outras possibilidades interventivas, pois ela está orientada pela “razão dialética”.

Tal posicionamento da autora nos remete ao questionamento feito pela requerente sobre a questão 45: “que reduzir o fazer profissional do assistente social ao nível do imediatismo, é reduzi-lo, simultaneamente, à dimensão técnico-instrumental e à dimensão do cotidiano”.

Com base no texto, isso não é possível, o cotidiano é o locus do fazer profissional. O fazer profissional é a prática. São elementos distintos. O fazer profissional é que faz uso da instrumentalidade pautado na razão instrumental ou pautado na razão dialética para responder as demandas postas no cotidiano: “No cotidiano, como o espaço da instrumentalidade, imperam demandas de natureza instrumental” (p.12). Por isso, ele não pode ser equiparado a dimensão técnico-instrumental, pois ele é espaço, o lugar da prática, conforme se observa na frase extraída do trecho anterior.

Para a autora, é no cotidiano que o profissional pode ou não transcender o nível do imediatismo: “...Nele [cotidiano], a relação meios e fins rompe-se e o que importa é que os indivíduos acionem os elementos necessários para alcançarem seus fins”(p.12). Isso situa a responsabilidade ao profissional como aquele sujeito que tem a possibilidade de objetivar sua intencionalidade, ou seja, pautada na crítica ou no conservadorismo.

Também, não podemos deixar de mencionar que o cotidiano é tratado pela autora como sendo um fator desencadeante da resposta profissional pelas suas peculiaridades. Assim, como o profissional situa-se nesse cotidiano é o diferencial na sua atuação profissional, uma ação alienada ou crítica:

“Mas pelas próprias características do cotidiano, os homens não se perguntam pelos fins: a quem servem? que forças reforça? qual o projeto de sociedade que está na sua base? Tampouco pelos valores que estão implicados nas ações desencadeadas para responder imediata e instrumentalmente ao cotidiano” (p.12).

Portanto, pelo exposto, de acordo com a autora, o cotidiano é o espaço da ação do profissional, lugar dos enfrentamentos, com todas as suas nuances. As respostas dos profissionais sobre as demandas no cotidiano, constituem-se na prática profissional, compostas pelas dimensões teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-instrumental. Ao profissional cabe reduzir o fazer profissional, fazendo uso somente da dimensão técnico-instrumental, ou ampliá-la, conjugando essa dimensão com as dimensões teórico-metodológicas, ético-políticas da profissão e a razão dialética.

RESPOSTA: MANTER GABARITO NA ALTERNATIVA “C”.

Data: 06 / 09 / 2016.